

Fotografia e fricções de imaginários sobre a Praia do Futuro

Photography and imagination frictions about Praia do Futuro

Daniel Macêdo¹

Elian Machado²

RESUMO

Praia do Futuro é uma espacialidade que remonta projetos múltiplos, sobressaltando o comercializado pelo *city marketing* aos turistas e os partilhados pela população que habita a capital cearense. Entendendo que estas perspectivas coexistem, se confrontam e conferem potência diante da produção de imagens como expressão de imaginários, este trabalho se faz em ação de campo orientada em vínculos de proximidade e de afetividade durante os períodos de maio a julho de 2014, de 2016 e de 2019, a fim de refletir sobre as dinâmicas de inscrição com imagens – realizada por nós e por outros sujeitos que conosco praticavam o espaço – constituídas com as entranhações ali possíveis para, assim, discutir a tessitura de imaginários a partir das práticas narrativas com fotografias que, em meio aos regimes de temporalidades, disputam rumos para a cidade.

Palavras-chave: fotografia; imaginário; Praia do Futuro; Ceará.

ABSTRACT

Praia do Futuro is a spatiality that brings together multiple projects, highlighting both the commercialized version promoted by city marketing to tourists and the version shared by the residents of the capital of Ceará. Understanding that these perspectives coexist, confront each other and contribute to the power of image production as an expression of imaginaries, this work is based on fieldwork guided by close and affective connections during the periods of May to July 2014, 2016 and 2019 in order to reflect on the dynamics of inscription with images - carried out by us and other individuals who practiced the space with us - formed through the possible entanglements there. In order to discuss the weaving of imaginaries based on narrative practices with photographs that, amidst temporal regimes, vie for the future direction of the city.

Keywords: photography. Imaginary. Future's beach, Ceará.

1. Doutorando em Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professor na Universidade Federal de Mato Grosso.

2. Doutor em Tecnologia Educacional pela Indiana University Bloomington (EUA, 1985). Docente de Fotojornalismo no Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará .

1. INTRODUÇÃO

Tomando o posto de Aquiraz sob demarcações para firmar outro polo de poder econômico advindo das relações portuárias, Fortaleza fez-se nova praça política em 1726 ao tornar-se capital do Ceará. Hoje, a cidade conurbada em dinâmica metropolitana está atravessada por distintos projetos de futuros que conferem tanto o “destino inventado”, discutido pela socióloga Linda Gondim (2007) e que conforma cartão postal para inserir a capital cearense na disputa mundial do mercado do turismo, quanto os desejos por partilhar vivências cotidianas características dos usos e ocupações da população que ali habita.

Distribuídos em territórios que se estendem do litoral às periferias, os povos em Fortaleza constituem, (re)criam e se inserem na produção das urbanidades não somente através da ocupação das zonas públicas, mas produzem, com a fotografia das experiências cotidianas, intensos contrastes com as visualidades versadas nas narrativas dos agentes da economia do turismo. A cidade homogeneizada na composição publicitária se confronta com as distintas proposições imagéticas que urgem nas práticas heterogêneas dos sujeitos que, sob usufrutos diferenciados e, a partir dos objetivos que os motivam, constituem, com registros visuais, importantes artefatos para expressão de imaginários radicados nas vivências cotidianas.

Mobilizar o conceito de imaginário, aqui, se alia à proposição de Recket (1989, p. 11) onde um conjunto de imagens que atribuem sentidos a uma espacialidade projetam noções à experiência porvir. Recket propõe essa leitura ao discutir, diante de dinâmicas urbanas, como determinados signos se firmam com pregnância na imaginação primeira das cidades. No caso de Fortaleza, uma cidade que se fez capital pelos poderes do porto e que se ergue a beira do mar, é possível tatear um conjunto de proposições simbólicas que fundamentam contornos imaginários à cidade – sem, no entanto, totalizá-los e estabilizá-los ante a potência das experiências. Ao passo em que Recket reconhece as tensões indiciárias das imagens, somos mobilizados a, por outro ângulo, refletir sobre as dinâmicas de inscrições que fundamentam proposições imagéticas dos espaços urbanos como afirmações instáveis moduladas por memórias encarnadas de quem as realiza.

Este trabalho é expressão de um percurso de pesquisa que adensa olhares com a Praia do Futuro, um dos territórios em Fortaleza que se faz em fricções diante das idealizações sobre o devir que ali se avizinha. A decisão pelo locus considera a referência em Magnani (2002, p. 14) ao delimitar um terreno micro a fim de possibilitar uma percepção que se faz de perto e de dentro. Desta forma, é possível confrontar-se com os imaginários que pautam aquele lugar como um espaço comum, público, partilhado e um dos potentes pontos de encontro entre aqueles que compõem a cidade; e, integrando-o em experiências de campo com inscrições fotográficas, devir as aporias

e os embates possíveis que permitem emergir sensibilidades particulares que angulam construções de sentido com o lugar.

Partindo das instabilidades urgentes nas relações constituídas com o território para, com ele, inscrever imaginários, tomamos as dinâmicas transitórias na espacialidade como uma prática performática pela qual escrevemos, em imagens, os imaginários que construímos com o lugar, seja nos atos fotográficos realizados, seja na composição de uma construção visual e móvel com o corpo admitindo modos de ser e de estar na praia. Assim, conjugamos em visualidades afirmações que se inserem de modos desarmônicos em um espaço entremeado por tensões de ordem social, econômica, política e estética que atravessam este exercício de pesquisa em campo. Para tatear estas imbricações sensíveis ao embarmos atos fotográficos, retomamos as contribuições teóricas sobre urbanidades expressos por Magnani (2002, p. 25), que defende proximidade com o território para, assim, tomar a fotografia como gesto de inscrição das afetações, como nos propõe Martins (2016) ao legar pistas para práticas de sociologias com as imagens – como sistematiza Macêdo (2023) após estudo bibliográfico da obra de referência deste teórico.

Parte das experiências transitórias com o lugar, as fotografias produzidas em mergulhos na Praia do Futuro em 2014, em 2016 e em 2019 integram ensaio visual ‘Projetar o devir na beira da Praia do Futuro’ (Macêdo, 2022), que expressa, com as inscrições fotográficas, uma angulação possível sobre a espacialidade. Aqui, voltamos a refletir a partir da articulação entre as inscrições imagéticas e os escritos no diário de bordo a fim de (des)dobrar impressões, observações e lições cadentes durante o percurso de pesquisa e que nos mobilizam a pensar sobre a ação fotográfica, tomando-a como textualizações que expressam facetas incompletas e perenes das disputas de sentidos e dos movimentos de significações sobre a espacialidade. Trata-se de localizar as imagens como um testemunho “das tensões e do invisível nas ocultações” que as tornam proposições de interesse antropológico para Martins (2016, p. 61), na medida em que deixam ver as narrações como proposições intencionais sobre um locus – em detrimento da pasteurização que aspectos realistas (re)produzem com afirmações fotográficas.

2. ESCRITAS SOBRE O FUTURO DE UMA PRAIA

O encontro das granulações amareladas e o mar azul de ondas fortes, resultado da ocupação territorial, se tornaram o primeiro locus de moradia, de trabalho e de sociabilidade das famílias de pescadores – até o dia em que o verbo jornalístico a projetou como objeto do desenvolvimento capitalista e a nomeou por ‘Praia do Futuro’, em publicação no Jornal Correio do Ceará, em março de 1949. Araripe (1997, p. 222) confessa que, quando editor do periódico, inaugurou o nome do recanto, mas “queria

dizer é que aquela era a Praia de nosso futuro urbano, e não dar um nome definitivo a ela, sem sentido, aliás, para ser um nome próprio, para ter caráter toponímico”.

Em conjunção, os produtos de comunicação social, ao longo dos anos, empenharam esforços na constituição de um imaginário pacificado sobre o território. Como destaca Maciel (2011, p. 40), os intentos verbais para atribuir sentido ao espaço se articulam com a dinâmica de transformação de Fortaleza: foi “futura praia de banho” e “futura barra da Tijuca” nas décadas de 1950 a 1970 ao apontar promessas da ampliação da infraestrutura em resposta à pressão popular da Aldeota por um ambiente de lazer onde a balneabilidade não estivesse comprometida e, por sua vez, apresentasse condições dignas ao lazer ao fazer-se resultante de planejamento para este fim, até então, não ofertadas pelas praias de Iracema, de Formosa e do Meireles – como destaca o trabalho de Abreu Júnior (2005, p. 51). Julgaram, em 1980, “praia do presente”, “praia do crescimento anárquico” e “praia do caos urbano” ao lidar com os contrastes do aumento residencial em desconformidade com o plano turístico ali projetado; reivindicaram “a praia mais badalada da cidade” no início da década de 90 em discurso proferido pelo empresariado e por gestores públicos como marcador de mudança e de reordenamento territorial.

O Plano de Desenvolvimento Sustentável, lançado em 1995 pelo ‘Governo das Mudanças’ realizado por Tasso Jereissati (PSDB), é marcado por ampla política de reordenamento espacial a fim de demarcar Fortaleza no cenário competitivo na economia do turismo. O documento advoga a premissa de investimentos nas “vocações turísticas natas” (Ceará, 1995, p. 9) a partir de olhar centrado na dinâmica litorânea com ênfase em Fortaleza – apesar de criticar a macrocefalia urbana característica do Estado e que julgara ser resultante da ineficácia de gestores anteriores. Nisto, agregase à Praia do Futuro a assinatura de ‘Miami do Nordeste’; enquanto o Ceará assume a alcunha de ‘Terra da luz’ em campanha de *city marketing* (Harvey, 2004), de ampla projeção a fim de figurar estes lugares como produtos turísticos viáveis ao cenário internacional como situa Linda Gondim (2004).

A constante de palavras utilizadas a fim de tipificar espaços nos aciona a discussão realizada por Depaule e Topalov (2001, p. 19), pois, assim como eles, é justo notar com inquietação o privilégio dado à construção de significados em oposição à pouca atenção conferida ao objeto da narrativa. Como propõem os autores: “as palavras apenas designavam coisas que lá estavam” e que, por outras vias, existiam em desconformidades com os planos mobilizados ao futuro para um lugar. Nisto, os termos atribuídos ao lugar que chamamos por Praia do Futuro tanto demarcam uma projeto porvir, quanto colidem com outras nomeações e significações que emergem nas experiências sociais ao praticar o lugar.

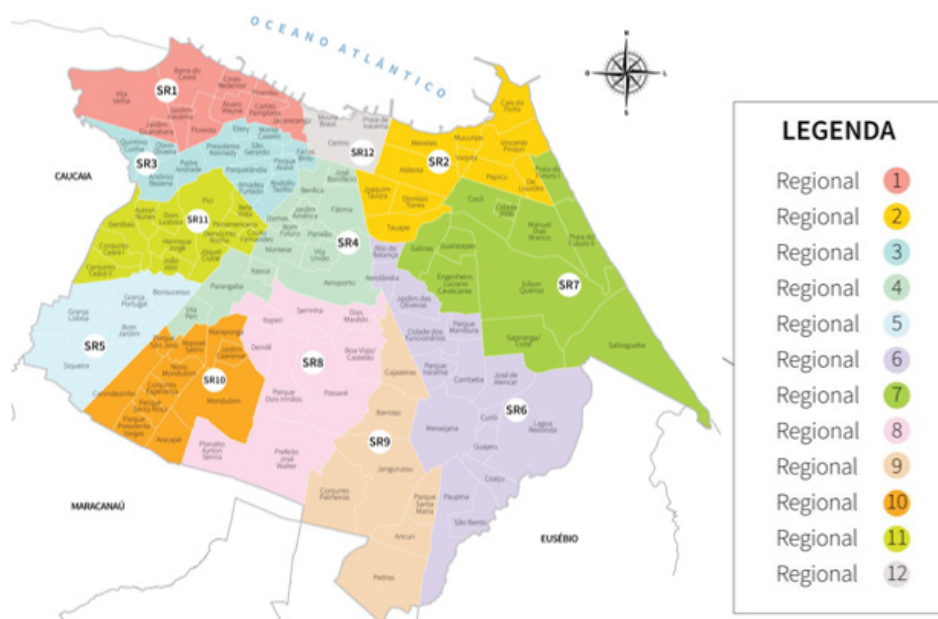
A despeito das intenções de Araripe, o nome ‘Praia do Futuro’ perdura até hoje como identificação do território zoneado em dois bairros de administração pública

caracterizados por 8 km de faixa litorânea, em detrimento das nomeações comunitárias que ali coexistem, que chamam aquele pedaço de chão por Luxou, por 31 de Março, por Cocos, por Embratel, por Caça e Pesca e por Humaitá.

A Praia é parte da Fortaleza. Uma cidade que reúne montante superior a 2,5 milhões de habitantes, produzindo a marca de 7.786,44 hab/km² que a faz figurar com a maior densidade demográfica dentre as capitais brasileiras (IBGE, 2010) e a posiciona entre as doze metrópoles urbanas do país (IBGE, 2018). É um porto margeado em profunda desigualdade exposta nas diferenças observadas no Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, onde o bairro Meireles possui 0,953 – superior ao da Noruega (0,944) que ocupa 1º no ranking mundial – e o bairro Praia do Futuro II alcança 0,167 – inferior ao do Níger (0,348), situado como último da lista de países (Fundação Demócrito Rocha, 2021).

Meireles e Praia do Futuro, divididos por 5 km, são dois perfilamentos em beiramar possíveis na diversidade do litoral fortalezense e que escancaram as facetas de nossas contradições. Ambos os bairros pertenciam a Regional II até a última reforma administrativa. Um pedaço de Fortaleza erguido no contato com a faixa litorânea, dividido pelo conjunto de todos os bairros da cidade com marcadores acima de 0,7 no IDH, a exemplo da Aldeota, Cocó, Praia de Iracema e Mucuripe, e das áreas socialmente vulnerabilizadas que, objetos do estudo de Costa (2019), situam territórios de resistência para manter-se morando ali diante da alta taxa de especulação imobiliária, das incessantes pressões políticas e das remoções violentas em nome de um projeto de desenvolvimento que despreza a experiência comunitária e as memórias de famílias que vivem no Vicente Pinzón e na Praia do Futuro.

Antes seis, desde janeiro de 2021, o município passou a ser dividido em doze regiões administrativas a fim de atender os interesses pautados no Plano Diretor (Fortaleza, 2009), no Plano Fortaleza 2040 (Fortaleza, 2016) e nos interesses econômicos dos entes com poder financeiro. A Regional II, uma ficção de gestão pública, já não existe como conhecíamos ao iniciar nossos percursos. Dividida em duas, permanece como Regional II o conjunto de bairros com alto IDH que conformam o ideário da Fortaleza mundializada promovida em *city marketing*; e, do outro lado, nasce a Regional VII, orientada ao avanço de um projeto turístico em curso pautado na exploração socioambiental do litoral leste, abarcando a Praia do Futuro e as reservas ambientais do Cocó, da Sabiaguaba e da Sapiranga – extensões de continuidade litorânea do território em vistas neste estudo.

Figura 1 - Mapa da divisão administrativa de Fortaleza

Fonte: Instituto de Planejamento de Fortaleza (2022).

Os encontros das pessoas com as águas do Atlântico alimentam as relações de sociabilidades possíveis no litoral. Entre as “características naturais” e a gestão de “vocação turística” para promo o de “a o es natas” (Ceará, 1995), as aten o es governamentais e do empresariado demarcam a o de manejo repressivo das popula o es do território costeiro para construir uma representa o imagética homog nea que favoreça a ocupa o de territórios segundo lógica de desenvolvimento capitalista.

A representa o de um espaço surge, aqui, como um operador pensado em conjunto com Moriceau (2020, p. 108), que a visualiza como uma cristaliza o idealizada e pela qual se faz norma diante da lógica moderna para “defesa contra o perigo, contra os devires, contra as inquieta o es, contra os afetos”. “A representa o mant m as distâncias, reitera as hierarquias e as ordens majoritárias” e, com ela, impetra gestos dicot micos que estabelecem pertenc as e exclus o es.   no sentido de ofertar uma representa o da cidade confortável ao mercado mundial que os esforços de diferentes governos pautam “a inser o do Ceará no processo de globaliza o e a transforma o de Fortaleza em ‘cidade mundial’ [e] devem ser compreendidas como parte de um projeto político para o qual a produ o de novas imagens assumem caráter estratégico”, como notara Gondim (2004, p. 17); e, com eles, desdobramentos que estruturam narrativas sobre o ideário paradis ico pautado no consumo de alto padrão para: vender o cartão postal.

Dentre os signos do turismo mundializado promovido por *city marketing*, Dias e Cassar (2005, p. 164) observam que as espacialidades se articulam aos corpos que as ocupam, as experiências que ali são possíveis, constituindo textos a se firmarem na disputa por consumidores “influenciados pela imagem de marca das cidades em que os estereótipos ocupam um grau importante, acompanhado dos estilos de vida e das experiências de outros consumidores”. Ou seja, na construção de uma experiência visual do território, um conjunto de afirmativas vislumbradas com as práticas da população local e com as características de uso e ocupação daquele lugar ganham a cena e tornam-se objetos de tensão para erguer o cartão postal imaginado como uma experiência sensível – e, com isso, rejeitar as imagens que atribuem vida ao lugar.

Assim, a constituição da Praia do Futuro segundo os preceitos do mercado do lazer e do turismo se articula ao conceito de “destinos inventados” proferido por Linda Gondim, (2007) dado que, diferentemente da promoção das “especificidades físicas, ecológicas e culturais da base territorial” (Ceará, 1995, p. 79), o que observamos é a reordenação de um conjunto de fatores sociais e políticos a fim de fabricar uma espacialidade na intenção de atender a demandas de consumo. Nos parece justo pensar, em conjunto com Urry (2001), que a fabricação da Praia do Futuro segundo o ideário turístico está pautada na “fuga do cotidiano”, que nega as experiências comunais dos que ali residem e que se oferece como distopia, como paraíso aos turistas que são convidados a passar pelo Futuro que não os pertence – mas que pode ser adquirido por alguns dias, sob dados valores.

Não por menos, nossas andanças nos mostraram a Praia do Futuro como uma área em constante disputa: seja nas batalhas jurídicas entre moradores e empresários pelo direito de acesso, de uso e de permanência no território, seja nas batalhas simbólicas para composição de imaginários sobre um local e sobre os sujeitos que nele coabitam. Isto porque, em termos de espacialidades, é justo tomá-las como conceituações em movimentos que se voltam contra pretensas homogeneidades, como nos ensina Haesbaert (2014, p. 25), ao propor mirar as intenções como pano de fundo que mobilizam compreensões e gestos; ao admitir a posição subjetiva como um delimitador do universo próprio de quem elenca significações. É, assim, justo pensarmos em termos de uma Praia de Futuros distintos que coexistem, que se confrontam, que coabitam o mesmo lugar e, não por menos, pratica-se sob imaginários múltiplos a depender de quem a focaliza.

As disputas que engendram uma capital em movimento como Fortaleza não se isolam nas instâncias deliberativas do Estado, mas se praticam nas expressões cotidianas que espraiam embates narrativos e que se orientam a um projeto de hegemonia. São nas trocas simbólicas e na constituição de desejos coletivos sobre o local onde vivemos que reside uma importante propulsão das mudanças no território. Afinal, fruto de contradições, como propusera Milton Santos (2006, p. 215), uma cidade

se faz nas interações entre sujeitos e espaços sob mediações movediças nas relações de poder e que a configuram como proposições inconstantes de disputas no campo do imaginário e na projeção de futuros que orientam construções e articulações no xadrez político que (des)ordena sociedades.

3. O MAR MIRADO EM MUITAS CÂMERAS

Residentes em Fortaleza e tendo a Praia do Futuro como um dos espaços orientados ao convívio e à partilha entre perfis de distitos pontos da cidade, é certo que estamos atravessados por afetações e memórias acionadas a cada momento em que nos somamos ao mar de gente. A experiência de viver na metrópole nos dota de propósitos políticos e estéticos que, nos rumos desta pesquisa com testemunhos visuais, toma forma na ação de campo e entranha nossas percepções sobre Fortaleza. Por isso, desde o início, nos amparamos nas lições em antropologia urbana ensinadas por Magnani (2002, p. 25), que propõem relações de aproximação e que admitem o exercício do afeto como termômetro na ação em campo.

Tomamos o afeto, nos termos de Moriceau (2020, p. 64), como um gesto de evasão à neutralidade entendendo que se trata de uma abertura capaz de por em comunicação, de abalar, de tocar e/ou de atingir fundamentos e, assim, movê-los. Afetar-se, logo, é produzir uma experiência. Moriceau (2020, p. 30) é cirúrgico ao advogar a potencialidade das experiências em (des)mantelar as cristalizações das representações. Assim, valorizamos as premissas contidas nos atravessamentos em abandono a uma compreensão monolítica sobre espacialidades ao nos permitirmos abrir o peito à maresia e deixar viver os ensinamentos sensíveis nos mergulhos com o campo e com os sujeitos que, conosco, se permitiram à interação. Logo, nos orientamos em performances que desmontam o lugar de diferença imposto pela alcunha de ‘jornalista’ e de ‘fonte’ ao assumir os locais que nos são próprios enquanto sujeitos transitórios na Fortaleza e tomamos o ato fotográfico como ação comum que compõe a ritualística contemporânea em zonas de consumo. Deste modo, nos pautamos na valia em construir percursos compostos em temporadas de campo ocorridas de maio a julho de 2014, de 2016 e de 2019 na Praia do Futuro, em Fortaleza.

Como nos orienta Magnani (2002, p. 20), olhar ‘de perto e de dentro’ não deve sucumbir em gestos de individualidade. Por isso, como prática de equilíbrio, a atuação no campo se deu em volta às experiências que – dos nossos lugares sociais e epistêmicos – se faziam cotidianas e, nisto, admitiam observações e interações como algo inerente à vida com a espacialidade. Esta demarcação é comum à compreensão compartilhada por Martins (2016, p. 12), onde não há pesquisa em Ciências Humanas sem interação com outros agentes envolvidos por entender as dinâmicas de produção fotográfica como ato compartilhado sob lógicas e finalidades distintas, sendo o registro uma expressão desta relação.

A prática de campo consiste na experiência em trajetos (Magnani, 2002, p. 23) e, com isto, constitui-se em percursos indefinidos no banco de areia, nos espaços públicos e de convívio social que integram o *locus* produzindo inscrições sem fixar-nos em um único ponto e sem tomar a inscrição fotográfica como finalidade. Assim, na medida em que atuávamos com o território, registrávamos os perfis e ambiências que nos despertavam atenção e afetos. Para isso, estivemos em campo sempre munidos de uma Nikon D5100 e duas lentes, sendo: uma AF-S DX NIKKOR 18-140mm f/3.5-5.6G de oscilação de grande angular à telefoto; e uma AF NIKKOR 50mm f/1-1.8D. Aqui, vale a “observação imediata” das cenas urbanas e efêmeras, como nos ensinara Benjamin (1996, p. 103) e, por consequência, ação que confere as imagens como inscrições descontínuas, que conjugam poéticas do encontro.

Tomar parte importante da urbe encarnando experiências fotográficas não é um gesto exclusivo a estes esforços. Trata-se de um capítulo diante do fluxo na cena contemporânea que, em detrimento da larga tradição documental cearense onde “a cidade e a cultura urbana pareciam não existir, não ter vida no mundo das imagens” (Reis Filho, 2017, p. 111), passa a compor foco de projeção na última década. Vale lembrar, sistematizado nos escritos de Gorczewski, Albuquerque e Lima (2021), o expoente de ações em intervenção na cidade de Fortaleza que remodelam a relação com a arte e as dimensões da fotografia urbana e, nisto, compõem capítulos relevantes de iniciativas populares que urgem contra a lógica da cidade inventada por meio de poéticas visuais que permitem devir outras metrópoles.

É na parcialidade das inscrições possíveis ao mover-se com o espaço e com os agentes transitórios que nos propomos a pensar com nossas textualizações na medida em que elas não se pretendem totalizantes ou categóricas. Elas versam sobre as leituras anguladas em nossas experiências diante da heterogeneidade e da multiplicidade das relações que conformam a textualidade da Praia do Futuro e dos imaginários ali tecidos. Tratam-se, portanto, de escritos versados sob um olhar coabitado nas perspectivas do eu-pesquisador que é, ao mesmo tempo, ator social de intervenção no espaço.

Para isso, é fundamental demarcar que nossos percursos não se tratam de leituras onde fotografar consiste na produção de documentos ilustrativos ou em mero instrumento de pesquisa. Como defende José Martins (2016, p. 23) “ela é constitutiva da realidade contemporânea e, nesse sentido, é, de certo modo, objeto e também sujeito” na medida em que entende ser prática comum e capaz de pautar discussões, ações e tomadas de decisões que podem reordenar o circuito social e a compreensão da espacialidade. Isto é, a fotografia tanto se firma como depoimento das tensões quanto se posiciona sobre elas dazendo-se uma nova camada de significação que adensa as disputas de compreensão sobre um dado lugar.

Com câmeras em punho, o clique não é um ato efêmero. Denotar atenção à ação fotográfica é tratar com centralidade os marcos de Martins (2016, p. 11), ao advogar que

o fotógrafo se pauta na imaginação para travar composições estéticas como marca da “expressão e momento do ato de conhecer a sociedade com recursos e horizontes próprios e peculiares”. Esta percepção também é compartilhada por Flusser (2017, p. 132) que, de modo sistemático, propõe que a ação fotográfica “precisa primeiro imaginar, depois conceber, para, por fim, poder ‘imaginar tecnicamente’”, sendo o manejo da maquinaria e o produto do processo alguns dos componentes que deixam ver aspectos de uma mecânica imaginária.

Kossoy (2001, p. 42), ao afirmar que “o registro visual documenta a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens”, já nos trazia elementos para ponderarmos as marcas do fotógrafo nas inscrições visuais que por ele se realizam. Não à toa, é justo reconhecer que ela possui significação ideológica – ao enquadrar cenas e delimitar um discurso narrativo através da composição – e função política – na medida em que o discurso assume pregnância e é reconhecido como real. E, nestas dimensões,

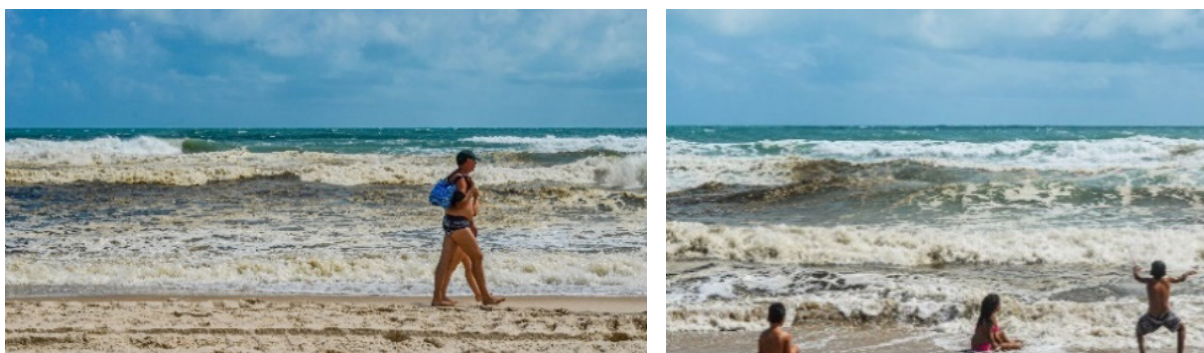
[...] se na fotografia há tensões que empurram imagens para fora dos enquadramentos, propondo sobressignificados ocultos e não intencionais, há também formalizações deformadoras que se expressam em imagens que resultam de relações de poder e modos de dominação social e política (Martins, 2016, p. 152).

Cabe, pois, ler atos fotográficos como gesto de expressão de imaginários que, de modos múltiplos, muito nos podem dizer sobre a tessitura e sobre os movimentos que engendram narrativas e projeções sobre o lugar. Trata-se de evadir da lógica midiacentrada que atesta no produto imagético a totalidade sobre acontecimentos para mirar as nuances contextuais contidas, dentre outras, nas experiências e nos textos resultantes. Estas últimas são, portanto, uma via outra para compreender as tramas que percorremos na Praia do Futuro.

4. TECER IMAGINÁRIOS A BEIRA-MAR

Era domingo e, ainda cedo, despojava meu corpo sob uma canga em um ponto impreciso da Praia do Futuro após algum tempo de caminhada pelo mar de areia. Na minha frente, as águas do Atlântico volviam-se agitadas e embalavam outros sujeitos inquietos que seguiam rumos imprecisos, que faziam destinos imprevisíveis. Optei por ali ficar e, com a vista que me era possível, cenas se (des)montavam num fluxo constante de mutações em razão das passagens de agentes diversos que configuravam imaginários singulares sob meus olhares: imaginava os fluxos erráticos que seguiam até encontrar um lugar que jugassem acolhedor para aqueles corpos; ao tempo em que percebia, com a transitoriedade das cenas, que a Praia do Futuro também mudava.

Figura 2 - Mobilidades de agentes e trânsitos cênicos na Praia do Futuro



Fonte: Daniel Macêdo/Acervo de Pesquisa (2014).

O sol abria e fechava-se com nuvens espaçadas, o vento movia ordas de areia e agitava a maré, as pessoas caminhavam flexões com o lugar que atribuíam vidas distintas ao espaço. Vejo corpos diversos: alguns que passam, outros que cultuam o mar; alguns que seguem juntos, enquanto outros seguem dispersos entre o mar e a areia, configurando teias de relações que não me são perceptíveis à primeira vista. Já não era possível dizer de uma única Praia, coesa e imutável, ao passo que era convocado a imaginar praias transistórias, a escrever com imagens os trânsitos que desestabilizavam as coesões homogêneas sobre aquele lugar de futuro, para, com elas, permitir-me imaginar outros futuros possíveis a serem construídos.

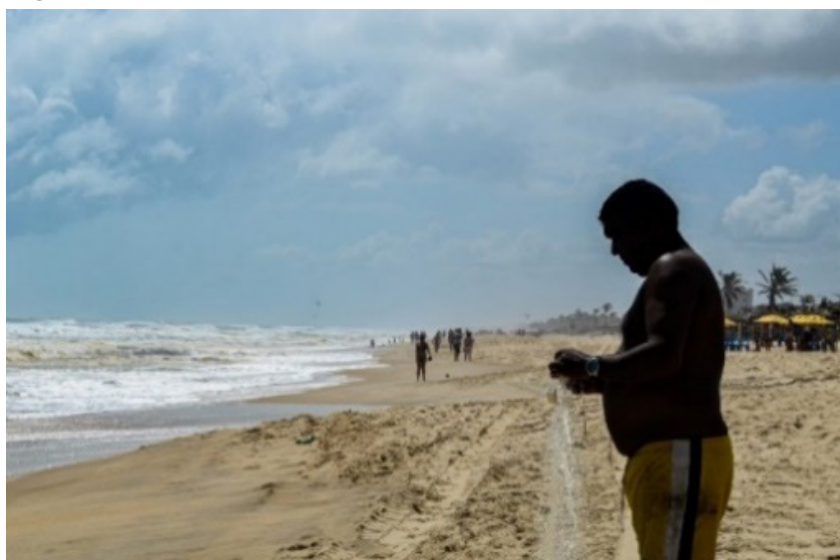
Parados no banco de areia, compreendemos que os registros ali produzidos são ficções mediadas “pelo tempo da fotografia, pelo olhar e pela situação social do próprio fotógrafo, por aquilo que ele socialmente representa e pensa” (Martins, 2016, p. 66) em conexo com outros agentes que configuram conexões instáveis ao cotidiano. Em outras palavras, tomamos notas que o ato fotográfico é incapaz de exprimir a complexidade da Praia do Futuro, mas confirma um ângulo – a mirada de quem a pratica – construído com o espaço, com agentes diversos e pelo qual a experiência nos permite refletir sobre o lugar do fotógrafo ao textualizar experiências e ao friccionar significações da experiência em adesões e em recusas ao que vive ao que vê e ao que sente.

É justo notar que percebíamos outros agentes a fotografar suas vivências na Praia. As imagens que ali se erguem, neste sentido, não são categóricas e tampouco enquadram ou delimitam as possibilidades de textualização, mas nos propõem tatear as tomadas de posição e a ler em via dos afetos os “engajamentos com o lugar” que mobilizam um fotógrafo para, assim, empreender esforços de leitura diante das ocupações, das lutas

e dos imaginários como nos fala Moriceau (2020, p. 32), ao posicionar agências como expressões de um corpo-memória que se faz em experiências transitórias.

Tomar as anotações das flanagens percorridas na Praia, quando se voltam a leituras das nossas e de outras ações em fotografia, não deve ser encarado como um gesto de contenção ou de classificação, dado que dizem muito mais sobre inscrições das afetações com o entorno do que sobre a potencialidade criativa da linguagem e, através da conjunção destes, um convite à discussão em torno de tais atos – o que em muito se difere dos esforços que se voltam a delimitar e a explicar de modo totalizante e homogêneo um dado lugar em razão da imagem que o afirma.

Figura 3 - Pescador na Praia do Futuro



Fonte: Daniel Macêdo/Acervo de Pesquisa (2016).

Ao caminhar molhando os pés na água do mar, avisto um pescador a desatar a rede e prepará-la para novos usos. Rapidamente, retiro a câmera da bolsa, desloco meu corpo com agilidade pelo terreno e posiciono-me diante da cena em adesão ao ângulo que imaginei configurar uma foto interessante. A Barraca Vira Verão é o empreendimento turístico mais próximo. Nunca entrei nela, o preço do cardápio não me é convidativo. O corpo do pescador e o preço dos pescados na barraca conferem um contraste singular entre mundos distintos que coabitam o mesmo lugar.

A figura do pescador confere dualidade entre o avanço da política de turismo para a Praia do Futuro e as dinâmicas dos sujeitos que ocupam o território de forma cotidiana. Trata-se de um encontro que estabelece contraditórios, que põe em “catástrofe” o projeto do *city marketing* se considerarmos as contribuições de Bruno Leal e Itânia Gomes (2020), que atribuem a modulação do olhar e as possibilidades de deslocar o cotidiano sob ângulos outros como um gesto de conferir catástrofes a partir de mundos simbólicos que emergem em acirramentos e em questionamentos às relações pacificadas pelos ornamentos de poder.

O pescador no banco de areia, circundado por empreendimentos turísticos, demarca uma experiência cotidiana ao passo que acirra com o espetáculo ornado com o espaço. Em meio às tensões deste encontro moduladas por nossos olhares, ambos coabitam o mesmo espaço, demarcando familiaridades sobre as formas que praticam o lugar e estranhamentos com os modos outros realizados por agentes diversos. A vida da Praia mobilizada pelo pescador põe em catástrofe as pretensões da Barraca Vira Verão – e vice-versa – conferindo cidades inventadas de qualidades distintas que conferem depoentes constantes das remoções de comunidades de larga trajetória de ocupação e das fricções de imaginários que ali se dão. Ao passo que a lógica turística pode designar o pescador – e um corpo negro e gordo – como uma performance ‘estranha’ para os desígnios de consumo e de luxo esbanjadas pela Praia do Futuro proposta pelo *city marketing*, o inverso também ocorre quando a ampliação dos empreendimentos comerciais afinca estranhezas com os modos tradicionais dos pescadores. As perspectivas singulares que formatam diferentes catástrofes nas relações com os espaços revelam a “multidimensionalidade dos acontecimentos” se, em conjunto com Leal e Macêdo (2023), centrarmos atenções às conexões singulares que cada agente enreda na espacialidade ao mobilizar aspectos macro e micro da vida em sociedade ao “dar fé” a determinados aspectos em cena e, com eles, construir sentidos ao lugar.

Para além do peso simbólico que a figura de um pescador possui neste lugar, nesta cidade, é oportuno refletir as razões que urgiam como ‘interessante’ ao fotografar este encontro, estas fricções. Ao seguirmos fluxos na praia, ao longo da pesquisa, praticamos nossas demarcações em alianças e em rejeições aos diferentes imaginários que nos propõem e, de formas singulares, escrevemos com imagens estabelecendo posições com o que vivemos, com o que projetamos ao futuro. Fotografar a praia a partir da figuração do pescador em meio a um encontro fugaz, é aderir ao convite de Benjamin (1996, p. 225) a volver nossa atuação em aliança aos silenciados pela narrativa oficial do Estado. Interessa-nos, assim, construir perspectivas com os sujeitos que, em nossas experiências de campo, permitiam-se à interação e se postulavam como detentores de saberes elaborados com a força das marés em detrimento das narrativas que se faziam na sombra das barracas.

Poderíamos, por outra via, privilegiar as particularidades sociais calcadas na expressão de um tipo de corpo idealizado, dotado de determinados signos de consumo que expressam padrões estéticos. Estas composições coexistiam no espaço e produziam imagens em *selfie* que reforçavam o *locus* advogado pelo *city marketing*. Os rumos conferidos com o que se opta por fotografar são afirmações políticas e estéticas que dizem tanto das vocações quanto das percepções sobre a cidade que vivemos e que queremos. Isto é, nas concretudes e nas derivas, as diferentes fotografias possíveis com a Praia do Futuro versam ficções imagéticas sobre sujeitos urbanos e sobre a espacialidade – e que muito nos dizem sobre quem as produz.

Esta não é uma percepção inaugural. Ao analisar experiências cearenses, com atenção ao trabalho ‘Gente no Centro’, de Silas de Paula, Osmar Reis Filho (2017, p. 124) exprime que “a fotografia não apenas documenta as transformações ocorridas, mas, ao fazê-lo, forja e enaltece uma determinada imagem de cidade”. Deste modo, a fotografia urbana é imperativa de posicionamento; inclusive, ao considerarmos as razões de natureza “tanto estética, quanto política” em que estes dispositivos “se constituem como veículos propagadores de um imaginário que, ao mesmo tempo, questiona e recria, problematiza e transforma o meio urbano”. A dimensão política da fotografia que narra a metrópole a constitui como de artefatos visuais que “não apenas representam, mas intervêm na cidade, tomando parte nas disputas e dinâmicas políticas pelo uso e pela configuração do espaço urbano” (Reis Filho, 2017, p. 124), assumindo o reconhecimento da importância desta ação ao inscrever produções que proporcionam fricções com o projeto dos lugares inventados.

Figura 4 - Agência do mar na Praia do Futuro



Fonte: Daniel Macêdo/Acervo de Pesquisa (2019)

Vejo uma criança a banhar-se no mar sob a supervisão de uma mulher adulta – que imagino ser a mãe. Como de costume, o mar está agitado. Saco a câmera, realizo três cliques sequenciados mirando o encontro destes corpos com o fluxo das ondas. O mar, o sol e o vento, aqui, também são agentes que tensionam a experiência do banho, a prática do lugar e este exercício fotográfico.

Uma inscrição visual permeia imaginação e tomadas de posição em dimensões políticas e estéticas do fotógrafo e, com ele, é justo ponderar que estes critérios também são praticados pelos agentes em interação como discute Rancière (2016, p. 47). Em convergência, Martins (2016, p. 169) destaca que “a própria realidade fotografada, pessoas ou situações, já é, em si mesma, um cenário teatral e polissêmico” pelo qual diferentes perfis se enredam construindo imagens em fluxo, imaginários partilhados. Tanto os corpos a banhar-se no mar, quanto o fluxo das ondas e a ventania a mover granulações constituem agências que tensionam a composição das imagens e, nisto, são partícipes das fotografias que realizamos. As fotografias, menos que depoimentos egocentros, são afirmações das entramações no micro que enlaçam agências circunscritas sob a tensão de um dado contexto. Tratamos, portanto, do ato fotográfico como um gesto compartilhado para perceber o mundo nos versos que toam imaginários em dimensões instáveis e incontrolláveis, passíveis de negociação a partir das inscrições das imagens e das leituras com elas possíveis.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estes escritos e os corpos que os tecem são parte da cidade e, ao experienciar os lógicas nela ancoradas, é justo que nos permitam revelar atravessamentos com memórias e sentimentos de toda ordem. Portanto, não couberam neste circuito de pesquisa os preceitos de isenção e de neutralidade. Aliás, é preciso partilhar que, jornalistas de formação, o campo aliado ao amparo das bases teóricas aqui discutidas nos orientou em esforços para despir o lugar trajado no status de ‘jornalista’ ancorado em distâncias para assumir, na relação com os outros, um importante pilar na partilha de produção colaborativa a partir de ritos cotidianos.

Praticar este lugar é nos permitirmos aprender com o campo e, nele, sentir as premissas orientadas por Rancière (2012, p. 84), onde nós, fotógrafos, também somos espectadores da obra; somos sujeitos decisivos e partícipes, protagonistas e coadjuvantes na interação com outros que também assumem esses papéis de modo compartilhado para conjugação coletiva de Fortaleza. A entramação conjunta para friccionar a estabilidade das cidades, por sua vez, é um modo em potência para valorar os ensinamentos de Magnani (2002, p. 17) em que as urbanidades, diferente de um

cenário estático, são tecidos móveis diante das relações entre atores sociais que a constroem.

Olhar de perto e de dentro como propõe Magnani (2002) é um gesto teórico-metodológico que, neste trabalho, mostrou-se expoente para observar uma complexa e rica rede de ações dos sujeitos que expressam imaginários com o lugar. Assim, atos fotográficos praticados sob narratividades múltiplas conferem depoentes dos lugares sociais e epistêmicos dos sujeitos como atores que incidem na manutenção e na disputa dos imaginários sobre a Praia do Futuro – bem como um projeto de cidade a partir das corporeidades que a edificam.

Os espaços públicos, comuns e transitórios, a exemplo da Praia do Futuro, são potências onde a estética encontra a política porque admite a experiência de dissenso nos termos pensados por Rancière (2012, p. 60), onde, “oposta à apartação mimética ou ética das produções artísticas com fins sociais”, permite, com a coexistência das diferenças, uma janela para produzir rumos e obras compartilhadas capazes de reinventar futuros predispostos. Encontramos, em nossas flanagens, Praias de Futuros distintos que, articulados sobre temporalidades de ordens incalculáveis, são partes da complexidade, das tensões, dos imbricamentos e das curvas que fazem daquele pedaço de litoral um campo potente das expressões de Fortaleza. Se é verdade que esses futuros estão em disputa na ordem política e econômica que regulamentam a cidade – portanto, as vidas pessoas –, é também verdade que a potência fluída das experiências muito nos ensina nos contrastes, nas aporias e nas aproximações em que a ocupação do *locus* – como em poucos cantos de Fortaleza – reúne e agremia distintos públicos em partilha da espacialidade.

Abandonar o futuro único advogado pela prerrogativa de progresso moderna do capitalismo global que caracteriza o *city marketing* é permitir que os futuros múltiplos e descontínuos dos sujeitos possam coabitar em leveza e em potência a Praia. Como gesto de respeito à cidade – entendida como um resultado compartilhado, pautada nas relações e nas contradições entre sujeitos e instituições –, este trabalho é uma opção por desenvolver inscrições a partir das interações simbólicas com sujeitos transeuntes que propõem catástrofes à estética comercial do *city marketing* empreendido pelo Governo e pelo empresariado. Queremos, como estes escritos, tecer um gesto para pensar e para dizer sobre futuros outros.

Por fim, vale reiterar que o ato fotográfico constrói um “conjunto narrativo de histórias e não de fragmentos imagéticos, como memória dos dilaceramentos, das rupturas, dos abismos e dos distanciamentos” (Martins, 2016, p. 45) e, frente às disputas simbólicas, um “documento da tensão entre ocultação e revelação tão característica da cotidianidade”, como já alertara Martins (2016, p. 36). Fotografar naquela Praia muito nos diz sobre o devir em imaginários incontrolláveis. Posicionar-se ao lado dos que ocupam a praia, interagem com o espaço é tomar o lado da contravenção à norma

econômica ao permitir aflorar testemunhos visuais outros possíveis ao afetar-se com o lugar e, como tal, constituir parte da narrativa que acirra Praias de Futuros.

REFERÊNCIAS

ABREU JÚNIOR, Pedro. *Uso e ocupação do solo: o futuro da Praia do Futuro*. 2005. 238 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

ARARIPE, José C. Alencar. Fortaleza e as cidades que nela coexistem. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, Anno cxi, 1997. Artigos.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CEARÁ. Governo do Estado. Secretaria do Planejamento e Coordenação. *Plano de Desenvolvimento Sustentável do Ceará – 1995-1998*. Fortaleza: SEPLAN, 1995. Governador, 1995-1998 (Tasso Jereissati).

COSTA, Ana Livia. O setor leste da orla marítima de Fortaleza/CE: ameaças e resistências. *In: SIMPÓSIO DE GEOGRAFIA URBANA - SIMPURB*, 16., 2019, Vitória, ES. *Anais [...]*. Vitória: SIMPURB, 2019. v. 1, p. 3242-3261.

DEPAULE, Jean-Charles; TOPOLOV, Christian. “A cidade através de suas palavras”. *In: BRESCIANI, Maria (org.). Palavras da cidade*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001. p. 17-40.

DIAS, Reinaldo; CASSAR, Maurício. *Fundamentos do marketing turístico*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

FORTALEZA. Governo do Estado. *Plano Fortaleza 2040*. Fortaleza, CE: FCPC/UFC, 2016.

FORTALEZA. Prefeitura Municipal. *Plano Diretor Participativo de Fortaleza*. Fortaleza, CE: PDDFOR, 2009.

FUNDAÇÃO DEMÓCRITO ROCHA - FDR. *Anuário do Ceará 2020-2021*. Fortaleza: O Povo, 2021.

GONDIM, Linda. Imagens da cidade, políticas culturais e desenvolvimento urbano: a produção imaginária de Fortaleza como 'cidade global'. In: FUNDAÇÃO KONRAD ADENAUER. *Reforma do Estado e outros estudos*. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004. p. 13-32.

GONDIM, Linda. *O dragão do mar e a fortaleza pós-moderna: cultura, patrimônio e imagem da cidade*. São Paulo: Annablume, 2007.

GORCZEWSKI, Deisimer; ALBUQUERQUE, Aline; LIMA, João Miguel. Artes de intervenção, inventar cidades. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 22, n. 56, p. 23-53, jun. 2021.

HAESBAERT, Rogério. *Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

IBGE. As Redes Urbanas. *Regiões de influência das cidades*. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

IBGE. Cidades. *Ceará: censo demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LEAL, Bruno; GOMES, Itânia. Catástrofe como figura de historicidade: um gesto conceitual, metodológico e político de instabilização do tempo. In: MAIA, Jussara; BERTOL, Rachel; VALLE, Flávio; MANNA, Nuno (org.). *Catástrofes do tempo: historicidades dos processos comunicacionais*. Belo Horizonte: FAFICH/Selo PPGCom UFMG, 2020. v.1, p. 31-53.

LEAL, Bruno; MACÊDO, Daniel. "Dar fé" à catástrofe cotidiana: a multidimensionalidade dos acontecimentos. *E-Compôs*, Brasília, DF, 2023. DOI: <https://doi.org/10.30962/ec.2680>

MACÊDO, Daniel. Projetar o devir na beira da Praia do Futuro. *Simbiótica*. Revista Eletrônica, Vitória, ES, v. 9, n. 2, p. 269-278, 2022.

MACÊDO, Daniel. Sociologias das imagens em perspectivas: miradas epistêmicas a partir das contribuições de Sílvia Rivera-Cusicanqui e de José de Souza Martins. *Lumina*, Juiz de Fora, v. 17, n. 3, p. 38-54, 2023.

MACIEL, Welington. *Tempos e espaços da Praia do Futuro: usos e classificações de uma zona liminar*. 2011. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

MAGNANI, José. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, SP, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

MARTINS, José. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2016.

MORICEAU, Jean-Luc. *Afetos na pesquisa acadêmica*. Belo Horizonte: FAFICH/Selo PPGCom UFMG, 2020.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: WMF Martins, 2012.

RECKET, Stephen. *Imaginário da cidade*. Lisboa: Fund Calouste Gulbenkian, 1989.

REIS FILHO, Osmar. Imagens insurgentes: notas sobre a fotografia urbana no Ceará. *Discursos fotográficos*, Londrina, v. 13, n. 22, p. 107-127, jan./jul. 2017.

SANTOS, Milton. *A natureza do tempo: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: EdUSP, 2006.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Nobel, 2001.